
Torcer ou não torcer, eis a questão: ética e moral no radiojornalismo esportivo de Porto Alegre¹

Ciro Augusto Francisconi GÖTZ²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir e debater sobre a prática de isenção no jornalismo e, para tanto, foca a análise sob viés do radiojornalismo porto-alegrense. Neste recorte, realizado em 2018, foram estudados os casos de Rafael Serra, repórter da Rádio Guaíba, identificado com as cores do Grêmio, e Fabiano Baldasso, ex-repórter da Rádio Gaúcha, admitido torcedor do Internacional. Este estudo apresenta ainda o panorama das quatro principais rádios de Porto Alegre, Rádio Gaúcha, Guaíba, Grenal e Bandeirantes, que reconhece o número de profissionais identificados com clubes. Os dados são levados em conta no processo analítico e, por fim, nas observações finais. As obras *Ética e Imprensa*, de Eugênio Bucci (2008), e *Opinião Pública*, de Walter Lippmann (2010), são a base para o desenvolvimento deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Social; Radiojornalismo Esportivo; Ética; Futebol.

Introdução

O jornalista pode admitir seu clube do coração? Certamente, esta é uma das perguntas mais frequentes e polêmicas entre leitores, ouvintes, telespectadores e, inclusive, os próprios jornalistas. Segundo Barbeiro e Rangel (2013, p. 113), “a ética no jornalismo tem a mesma importância do que qualquer outra área, uma vez que ela baliza as ações humanas, critica a moralidade e se constitui em princípios e disposições”. Conforme os autores, ética e moral são distintas, pois, enquanto a primeira diz respeito a uma percepção do mundo dinâmico, a segunda é a regulação de valores, de acordo com determinados comportamentos e épocas. Sendo assim, como Barbeiro e Rangel definem, a ética jornalística é feita de desafios. Isso acontece porque, ressaltam, os códigos de ética jornalística, por exemplo, não são verdades absolutas. Significa dizer que moral e ética estão em debate contínuo.

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Doutorando do Curso de Comunicação Social da PUCRS, e-mail: cirogotz@gmail.com.

No caso mais específico do jornalismo esportivo brasileiro, ética e moral têm acompanhado a evolução do processo de cobertura, ao longo dos anos. E a isenção é uma das maiores preocupações dos profissionais. Agora, é importante ressaltar: no futebol, a isenção vale para o âmbito dos clubes. Quando uma certa cobertura envolve a Seleção Brasileira, por outro lado, a natureza nacionalista integra os jornalistas, de uma maneira geral. No Rio Grande do Sul, estado onde Grêmio e Internacional, no imaginário coletivo, dividem a região em duas paixões, são raríssimos os casos de jornalistas que admitiram publicamente suas preferências e continuaram realizando suas atividades “normalmente”. Existem dois exemplos de exceção histórica: Milton Ferretti Jung, que atuou entre 1958 e 2014 na Rádio Guaíba, onde foi locutor esportivo e “a voz” do Correspondente Renner, nunca escondeu sua torcida pelo Grêmio. Mesmo assim, não deixou de ser escalado para duelos colorados, com destaque para transmissões nos anos 1970. O outro caso, e atual, é de Adroaldo Guerra Filho, conhecido como Guerrinha, um dos comentaristas da Rádio Gaúcha. Identificado com as cores do Inter, de qualquer forma, comenta compromissos do rival colorado, sem que isso interfira negativamente na sua trajetória no meio esportivo.

Este artigo tem como objetivo refletir e debater sobre a prática de isenção no jornalismo e, para tanto, focará a análise sob viés do radiojornalismo porto-alegrense. Neste recorte, observado entre maio e dezembro de 2018, são estudados os *cases* de Rafael Serra³, repórter da Rádio Guaíba, identificado com as cores do Grêmio, e Fabiano Baldasso, ex-repórter da Rádio Gaúcha, admitido torcedor do Internacional. Em contrapartida, este estudo apresenta o panorama das quatro principais rádios de Porto Alegre, Rádio Gaúcha, Guaíba, Grenal e Bandeirantes, que reconhece o número de profissionais identificados com clubes. Os dados serão levados em conta no processo analítico e, por fim, nas observações finais. Os livros *Sobre Ética e Imprensa*, de Eugênio Bucci (2008), e *Opinião Pública*, de Walter Lippmann (2010), são as obras base para o desenvolvimento deste trabalho. Na primeira parte, o artigo contextualiza ética e moral, no âmbito do jornalismo, com apoio de autores como Gomes (2002), César (2009), Barbeiro e Rangel (2013). Na segunda parte, o rádio de Porto Alegre, com os exemplos

³ Pouco tempo após a finalização deste artigo, o jornalista Rafael Serra despediu-se da Rádio Guaíba para dedicar-se a projetos pessoais e também acertou sua ida ao informativo on-line O Bairrista, em março de 2019, onde assumiu a função de repórter setorista do Grêmio.

de Baldasso e Serra, serão ampliados para o cruzamento teórico, na etapa conclusiva deste artigo.

Moral, ética e jornalismo: uma relação de conflitos

Se moral e ética estão sempre em debate, conforme Barbeiro e Rangel (2013), o jornalismo, segundo Bucci (2008, p.11), “é conflito, e quando não há conflito no jornalismo, um alarme deve soar. Aliás, a ética só existe porque a comunicação social é lugar de conflito”. Uma das situações que Bucci coloca em questão é a relação empresa/funcionário. Nem sempre a ética tem o mesmo sentido, nessa dialética profissional. O termo ética, conforme explica, é uma derivação da terminologia grega *éthos*. César (2009) complementa que Aristóteles entendia a ética sob o viés da credibilidade e do caráter. Sem a ética, afirma César (2009, p. 284) “a humanidade já teria sido levada à autodestruição”.

De uma forma objetiva, a busca pela ética seria, em tese, a busca pelo bem. Se trata de um ato desafiador, já que a moral, como relatado na introdução, varia de acordo com diferentes princípios. Conforme Mayra Rodrigues Gomes (2002), o conceito de moral, que tem origem no latim, remete ao mesmo significado de ética e, segundo a autora, também indica costume. Mas a moral, em concordância com Barbeiro e Rangel, caminhou em direção a determinados grupos sociais, historicamente. No caso do jornalismo atual, existem normativas e códigos de ética que definem variadas ações. Nas sociedades democráticas, segundo Bucci, independentemente de diferentes normas, há uma prática comum: a vigilância do poder. A liberdade de imprensa, diz, é muito mais do que um princípio jornalístico, é também um princípio da própria sociedade. Bucci (2008, p. 12) assinala: “a liberdade de imprensa é um princípio inegociável”. Quanto à liberdade, o primeiro capítulo do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros⁴ (2007, p. 1) intitulado *Do direito à Informação*, descreve que: “a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão”. Nas quatro páginas que compõe o documento, a palavra liberdade ainda aparece no sexto artigo do segundo capítulo, *Da conduta profissional do jornalista*: “é

⁴ O referido texto, conforme a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), trata-se do código de ética dos jornalistas brasileiros em vigor, atualizado em 2007, com base nas normativas elaboradas em 1985. Para acessar o documento, ver: http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/08/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros-1.pdf.

dever do jornalista: lutar pela liberdade de pensamento e de expressão” (2007, p. 2). A imagem da empresa, do jornalista, as relações de poder, de dominação e a dinâmica de mercado problematizam as relações. A palavra, a terminologia moral, está presente ao longo do texto, contudo, como ato de prevenção. Para o código de ética brasileiro, o substantivo se refere à ideia de combate contra o assédio moral no trabalho, no sentido de desvio de caráter. Não deixa de ser uma ramificação do conceito amplo de moral. Por outro lado, isso não significa que o código, quanto à moral, não estabeleça suas determinações.

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, como obviamente implica a natureza do seu conteúdo, é um documento normativo geral. Sendo assim, não leva em consideração as particularidades regionais e, principalmente, o fato de que os jornalistas, antes de qualquer coisa, são indivíduos, cada um, movido, primeiramente, na base de estereótipos, como detalha Walter Lippmann:

Na maior parte dos casos nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura (LIPPMANN, 2010, p. 85).

O código, em resumo, é uma norma que pretende estabelecer padrões de conduta, conforme determinada ética profissional e social. No momento que se discute a liberdade de expressão, existe também liberdade para se questionar um determinado código? No caso da moral, Lippmann (2010, p. 116) afirma que “um código moral é um esquema de conduta aplicado a um número de instâncias típicas. Comportar-se como determina o código é servir a todo e qualquer propósito que o código persegue”.

No Rio Grande do Sul, em especial na capital Porto Alegre, Grêmio e Internacional, predominantemente, preenchem a programação esportiva dos meios de comunicação. Para a cobertura diária de cada um dos clubes, são designados os chamados setoristas, jornalistas que acompanham treinamentos, participam de entrevistas e produzem textos, boletins para rádio e televisão, com base nas informações que são captadas ou oferecidas. O Grêmio Football Porto-Alegrense, fundado em 1903, e o Sport Club Internacional, de 1909, além da forte tradição regional, conquistaram importantes títulos nos âmbitos nacional e internacional. Desde 1909, disputam o conhecido clássico

Gre-Nal⁵, termo cunhado pelo jornalista Ivo dos Santos Martins, em 1926. Ao longo de mais de 100 anos, no âmbito jornalístico gaúcho, se reproduziu a ideia de “jornalismo isento”. O “bom jornalista é aquele que torce para Grêmio e Internacional”. Walter Lippmann define mito como verdade parcial, isto é, pode ser completamente verdadeiro, assim como não necessariamente falso. Com o crescimento patrimonial e a passagem do amadorismo ao profissionalismo, Grêmio e Internacional se tornaram clubes de massa que “dividem as paixões de um estado”. O cuidado dos jornalistas, sendo assim, é redobrado, pois, de um lado, moralmente, o profissional deve, em tese, destacar a realidade dos clubes igualmente. Seria, na verdade, uma condição mítica de trabalho?

Se tiver afetado a conduta humana por longo tempo, é quase certo que contenha o que é importante e profundamente verdadeiro. O que um mito nunca contém é poder crítico de separar suas verdades de seus erros. Pois aquele poder surge somente com a consciência de que opinião humana alguma, seja qual for sua suposta origem, é muito exaltada para o teste da evidência, que toda opinião é somente a opinião de alguém (LIPPMANN, 2010, p. 118).

Outra situação que provocaria a isenção dos jornalistas, é o risco de retaliações, sentimento intensificado com as redes sociais, na atualidade. De fato, esconder a preferência não significa que o repórter não seja, no seu íntimo, torcedor de alguma instituição. Como entende Lippmann (2010, p. 118), “o dogmático, utilizando um mito, acredita que ele próprio partilha do discernimento da onisciência, embora lhe falte o critério através do qual possa afirmar a verdade em vez do erro”. Enquanto Cyro César define que a reputação e a ética são construídas através de um processo de equilíbrio nas atitudes, com inteligência, Barbeiro e Rangel são enfáticos e afirmam que a figura de “jornalista-torcedor” pode prejudicar a própria imagem e de outros colegas de trabalho. Esta última visão, sem dúvida, é compartilhada pela maioria dos profissionais que atuam na cobertura esportiva, diferentemente da visão dos jornalistas Rafael Serra e Fabiano Baldasso, que serão abordados na sequência deste estudo.

⁵ Ao todo, foram disputados 416 jogos entre Grêmio e Internacional, com 155 vitórias do Internacional 130 do Grêmio e 131 empates. O primeiro duelo aconteceu em 1909, no dia 21 de junho, com vitória gremista por 10 a 0. No mais recente clássico (até a conclusão deste artigo), houve empate por 0 a 0, na Arena do Grêmio, no dia 12 de maio de 2018, em jogo válido pelo Campeonato Brasileiro.

Serra e Baldasso: exceções à regra ou símbolos de uma nova etapa do radiojornalismo esportivo de porto alegre?

Fabiano Baldasso, 44 anos, é jornalista formado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Iniciou sua carreira no dia 14 de maio de 1996, na Rádio Gaúcha, como estagiário. Conta que alcançou todos os degraus nas funções entre produção, reportagem e apresentação de programas. Em 2009, Baldasso pediu demissão da Rádio Gaúcha. Na época, era o terceiro repórter na hierarquia da emissora. Logo após sua saída, fundou uma empresa de comunicação de assessoria a jogadores no Rio Grande do Sul, em grande parte, oferecendo serviços a atletas da Dupla Gre-Nal. Em 2016, mais uma vez, Baldasso mudou de emissora e retornou ao Grupo RBS, mais precisamente, se transferiu para a Rádio Atlântida. Após sete meses, iniciou uma nova etapa em sua carreira em parceria com o Internacional, através das redes sociais.

Em 2016, quando eu fui para a Atlântida, me veio a necessidade, primeiro pessoal, de assumir o meu time do coração e, depois, a estratégia profissional em cima disso que deveria ser estabelecida. E eu queria revelar o meu time do coração porque eu tenho filho pequeno, eu queria levar no estádio, eu já estava querendo torcer de novo, coisa que eu tinha abandonado nesses 20 anos de profissão “isenta”. Então, era uma vontade pessoal, mas, obviamente, que eu tinha que estabelecer uma estratégia profissional. Mesmo assim, com qualquer estratégia profissional que eu estabelecesse, seria um risco importante aquilo. Porque, os que as pessoas não sabiam quando eu anunciei que revelaria o meu time do coração, é que eu não seguiria com a minha ação normal. Eu queria revelar que era colorado para ser um defensor do Inter, para ser um torcedor fanático e representante da torcida do Inter na comunicação, que é algo que eu sempre achei que o Inter teve inferioridade em relação ao Grêmio (BALDASSO, 2018).

O início nas redes sociais foi complicado, afirma Baldasso. Segundo ele, pejorativamente, recebeu a alcunha de “jornalista de twitter”. Segundo lamentou “depois que eu revelei o time do coração, os colorados de alguma forma me abraçaram. Fiz isso e fiz no pior momento da história do clube. Alguns me chamam de pé frio e acho que têm razão⁶” (BALDASSO, 2018). Conforme entende, o mal momento do clube valorizou sua ação, pois “um dia, as pessoas vão lembrar que eu fiz isso na hora ruim. E estou todos os dias lá, levando informação, ao lado da torcida do Inter” (BALDASSO, 2018).

⁶ Fabiano Baldasso se refere ao primeiro rebaixamento da história do Internacional à Segunda Divisão do futebol brasileiro, em 2016.

A atitude de revelar o time do coração, estrategicamente, se tornou uma preocupação, pois, em um primeiro momento, Baldasso imaginou que perderia o público gremista que, de alguma forma, teria cultivado durante sua trajetória. No entanto, através da provocação, encontrou uma forma de continuar falando do Grêmio, mesmo que, a partir de agora, de uma forma mais lúdica. “Então, provooco bastante o Grêmio, brinco, e os gremistas seguem me acompanhando com muita força e sigo com o público gremista. A repercussão do que eu faço, entre os gremistas, continua sendo muito forte” (BALDASSO, 2018). Foi uma ação profissional arriscada, na sua concepção, mas que, compreende, deu bastante resultado, surtiram resultados positivos.

Para Fabiano Baldasso é praticamente impossível esconder o time do coração por causa das redes sociais. Hoje, afirma, todos sabem que os jornalistas têm suas preferências e as redes estabeleceram uma proximidade entre as pessoas. Não há mais como utilizar de artifícios antigos que mascarem a paixão.

Todo mundo tem, quem nasceu no Rio Grande do Sul torce para o Inter ou para o Grêmio e é uma hipocrisia dizer qualquer coisa diferente disso. E o público, por essa proximidade, nos exige, nós não estamos mais distantes dele, como estávamos antigamente. Hoje, nós estamos nas redes sociais ao lado dele. Então, ser aberto, ser verdadeiro, é uma necessidade. E outra coisa. É muito difícil esconder, hoje em dia, o time do coração. Quem tem 20, 21, 22 anos de idade e, de repente está se formando em jornalismo, está estudando jornalismo, se quiser esconder o time do coração, vai ser muito difícil porque os vestígios vão estar lá. Um dia, ele *twittou* alguma coisa que mostrou o time dele, um dia ele apareceu com a camisa em algum lugar, numa foto, que vai aparecer na busca do Google, então, não tem mais como esconder time do coração. Eu acho que todos vão acabar indo para esse caminho e eu espero que aconteça, desde novos (BALDASSO, 2018).

No âmbito jornalístico, Fabiano Baldasso compreende que se tornou um jornalista parcial. Afirma, ainda, que não sabe ao certo definir se exerce uma função jornalística. E se denomina como comunicador. Mesmo assim, na sua visão, no momento que os jornalistas, incluindo as novas gerações, de uma forma geral, revelarem suas preferências, as pressões por “isenção” também serão compreendidas de outras formas. “Eu fui colorado a vida inteira e eu fui imparcial a vida inteira, como colorado trabalhando cobrindo Inter e Grêmio em veículos de comunicação, então, obviamente que é possível” (BALDASSO, 2018). Baldasso, por fim, reconhece que, atualmente, os repórteres setoristas que se dividem na cobertura de Grêmio e Internacional estão sujeitos à

observação atenta e repercussão, no campo da opinião pública. Mas, individualmente, a influência da revelação, eticamente, depende de cada um.

Diferentemente de Fabiano Baldasso, que se dedica às redes sociais, onde se dirige aos torcedores do Internacional, Rafael Serra, gremista assumido, atua como repórter setorista da Rádio Guaíba de Porto Alegre. Serra, 36 anos, assim como Baldasso, também é jornalista formado pela Unisinos. Começou sua carreira em 2002, na Rádio Bandeirantes, como estagiário de produção. Além do rádio, o repórter também possui um canal no Youtube intitulado Serra Esporte Clube. A decisão de revelar sua paixão pelo Grêmio foi, segundo ele, tomada no processo da evolução na carreira, isto é, através da “experiência criada pela experiência”.

Então, eu tinha definido que, quando eu chegasse na evolução na carreira ao posto de comentarista, eu decidi que revelaria o time porque eu nunca deixei de torcer. Claro que, quando não estou com o microfone ou analisando jogos, quando eu analiso o jogo, realmente eu deixo claro que é o profissional que está falando, independente do clube do meu coração ou não. Então, eu decidi que, quando eu chegasse ao posto de comentarista, eu iria assumir o time. Em 2015, final de 2015, começo de 2016, eu na Rádio Grenal fui colocado ao posto de comentarista e resolvi revelar o meu time em 26 de abril de 2016 (SERRA, 2018).

Rafael Serra diz que mesmo atuando na função da reportagem setorista na Rádio Guaíba, ele “continua o mesmo”. “Quando não estou trabalhando, quando eu posso, estou na Arena, estou lá com a camisa do Grêmio” (SERRA, 2018). O jornalista relembra que, desde os tempos de faculdade, se questionava muito sobre a imparcialidade, no sentido de refletir: “será que ela existe mesmo? Tem como ser totalmente imparcial? Têm várias teorias da comunicação que divergem sobre isso, porque a gente carrega valores, coisas do nosso meio, da família, da comunidade onde a gente está inserido” (SERRA, 2018). Serra questiona a ideia de isenção no radiojornalismo esportivo e afirma que as redações dirigem os profissionais, justamente, a um tipo de modo de pensar e agir.

Olha, aqui ninguém tem time, não dá pra assumir time porque a rivalidade Grenal é muito forte. Então, passa pelas redações, mas, enfim, têm vários motivos. Daqui a pouco, o cara quer crescer na profissão e acaba tendo aquela ideia também de que a gente não pode revelar o time. E, aí, fica aceito aquilo, mas eu acho que a gente está mudando isso. E que bom, né, porque nas redações a gente sempre vê o “isento” que no ar ou quando está na rádio, na TV ou na internet, ou cara se diz isento, mas, na redação, ele sempre gosta de “cornetar” o rival, “grenalizar”, faz questão de dizer, às vezes, que torce para Grêmio ou Inter. Então, acaba sendo uma hipocrisia (SERRA, 2018).

O jornalista revelou que se sentiu pressionado por torcedores, após sua revelação e o motivo, segundo afirma, é o fato de que a rivalidade entre gremistas e colorados é muito forte no Rio Grande do Sul. Sobre o mercado de trabalho, garante que “algumas portas para mim fecharam por conta de eu assumir o meu time. Se tinha alguma possibilidade de serem abertas, com a minha ‘revelação’ de que eu sou gremista, fecharam, sem dúvida nenhuma” (SERRA, 2018). Para o repórter, revelar o time não faz do jornalista um profissional melhor ou pior e que essa decisão depende de cada um. A pessoa tem o direito de não transparecer. Para ele, não está certo e nem errado. No atual cenário do radiojornalismo porto-alegrense, Rafael Serra entende que o ato de revelar o time do coração está muito longe de se tornar uma tendência, mesmo considerando que a influência dessa atitude seja positiva. “Você não deve ser um torcedor fanático porque acho que o fanatismo acaba cegando a gente. E o jornalista não pode cegar, ele tem que torcer, mas não distorcer. Quem trabalha bem, sabe distinguir as coisas” (SERRA, 2018).

No seguinte tópico, este artigo apresenta o panorama do radiojornalismo esportivo porto-alegrense, através de levantamento entre as quatro principais emissoras da capital do Rio Grande do Sul: Rádio Gaúcha, Guaíba, Grenal e Bandeirantes.

O rádio esportivo de porto alegre: um panorama de neutralidade

Conforme Carlos Schinner (2004, p. 98), “ser ético em tempos de mercantilismo explícito não é tarefa para amadores. E no quesito profissionalismo todos deveriam ter regras pessoais de conduta como principal diretriz de suas carreiras”. No caso porto-alegrense, a ampla maioria dos integrantes das quatro emissoras pesquisadas opta por não revelar sua preferência por Grêmio ou Internacional. Tem-se, portanto, um quadro de neutralidade amplo. Aleatoriamente, através da rede social Facebook, foram obtidos depoimentos objetivos de 6 profissionais, caracterizados por trajetórias e experiências distintas e que responderam a seguinte questão: jornalista pode revelar o time do coração? Sim ou não e por quê?

1 – Luís Henrique Benfica: Colunista do Jornal Zero Hora, apresentador e repórter da Rádio Gaúcha. Com 58 anos, Benfica cobriu competições importantes como a Copa do Mundo:

“Poder, pode. Só acho que, nesta nossa terra, de rivalidade irracional e, por vezes, até selvagem, não acho conveniente. Objetivamente, minha resposta é não” (BENFICA, 2018).

2 – Renata de Medeiros: 25 anos, repórter da Rádio Gaúcha. Realizou estágio na Rádio Guaíba como produtora:

Em caso de repórteres, acredito que o jornalista não deve revelar seu time do coração porque o clube não influencia no trabalho (ou não deveria influenciar). Além do mais, acredito que o público não está preparado para lidar com essa informação. Quando uma notícia fosse divulgada, os torcedores poderiam associar diretamente a informação ao clube para o qual o repórter torcia. Sendo que, na verdade, a informação independe disso (MEDEIROS, 2018).

3 – Luiz Carlos Reche – Foi repórter da Rádio Guaíba, onde chefou o departamento de esportes da emissora, do final da década de 1990 até a sua saída, em 2014. Atuou como comentarista da Rádio Bandeirantes e, atualmente, também exerce a função de apresentador na Rádio Grenal. Com 54 anos, cobriu 7 Copas do Mundo:

Depende do que cada um planeja para si. Eu prefiro deixar no imaginário das pessoas. Ser humano já é desconfiado por natureza. Se revelar o time, a opinião perde peso. Com todo respeito a quem se declarou, o trabalho destes se restringe muito. Quem está em fim de carreira ainda vá lá, se aceita mais. Pior é que não tem como voltar atrás. Menos mal que os clubes estão absorvendo uma boa quantidade de mão de obra. E tem veículos que estão se especializando em torcer muito no microfone. Outro problema: Quem assume acha que todos deveriam assumir e querem entregar os colegas para nivelar ou ter parceria. Em resumo: cada um mede o que é melhor para si e para sustento da família. E para finalizar: com o passar do tempo, até esqueci qual meu time do coração. Hoje sou Gre-Nal (RECHE, 2008).

4 – Cristiano Oliveira: com 28 anos, foi comentarista e coordenador de esportes da Rádio Grenal. Atualmente, exerce a função de analista na Rádio Guaíba:

O jornalista esportivo pode revelar o time de coração, desde que não haja interferência em suas análises profissionais. Um comentarista, por exemplo, ao analisar o jogo, precisa se afastar dos sentimentos de “torcedor” e focar na leitura e observação dos fatos. Todos têm um time, seja ele revelado ou não. Talvez o público é que não esteja preparado para isso. Um gremista não precisa sempre elogiar o Grêmio. O colorado também pode criticar seu time. O gremista também pode criticar o Inter sem que seja “para gerar crise” (OLIVEIRA, 2018).

5 – Alfredo Possas: Foi repórter em várias emissoras de rádio, incluindo Bandeirantes e Guaíba. Aos 61 anos, atualmente, escreve para a editoria de esportes do Jornal Correio do Povo:

Eu acho que não pode! Principalmente aqui em Porto Alegre. Eu, por exemplo, revelo meus dois clubes porque não sou porto-alegrense. Se o cara vem de outro estado, país, continente ou até de outro planeta e fizer uma crítica ao Inter, será acusado de gremista. E se criticar o Grêmio será taxado de colorado. Porque os porto-alegrenses acreditam piamente que todos os que não são torcedores do clube dele, são do maior rival. Como se não existissem outros clubes no mundo (POSSAS, 2018).

6 – Rodrigo Morel: Tem 28 anos. Atuou como repórter nas rádios Grenal, Guaíba e Bandeirantes. Atualmente, exerce a função no canal de televisão SBT RS:

Jornalista pode revelar o time do coração desde que mantenha a ética. Não vai afetar a credibilidade do repórter, comentarista ou narração. Jornalista é jornalista sendo gremista, colorado, palmeirense ou vascaíno. Repito: desde que mantenha a ética jornalística. Todos temos times e fazemos jornalismo. Logo, não faz diferença. Na minha opinião, mais uma questão de medo de violência física do que de “pode” ou “não pode”. A violência verbal a gente já sofre sem que as pessoas saibam nosso time (MOREL, 2018).

A partir da leitura das diferentes opiniões anteriores, apenas Rodrigo Morel entende que a revelação de clube do coração não interfere na atividade jornalística. Contudo, os demais entrevistados concordam, a partir de diferentes pontos de vista, que os profissionais devem manter a neutralidade. A Tabela 1 apresenta o número real de profissionais que formam as quatro principais emissoras de rádio de Porto Alegre e a respectiva quantidade de jornalistas/radialistas-torcedores identificados nesta pesquisa:

Tabela 1 – Neutralidade x Jornalismo-Torcedor no rádio esportivo de Porto Alegre

Funções	Gaúcha	Guaíba	Grenal	Band
Narradores	4	4	3	3
Comentaristas	7	2	7	5
Repórteres	13	8	5	6
Plantões	2	1	2	4
Produtores	9	4	6	6

Total	35	19	23	24
Jornalistas- Torcedores	3	1	2	1

Fonte: Elaborada pelo autor (2018)

Levando em consideração a Tabela 1, estão contabilizados⁷, no somatório entre os quatro veículos, 101 profissionais, entre jornalistas, radialistas e estagiários. Foram identificados apenas 7 profissionais abertamente identificados com Grêmio ou Internacional, o que representa apenas 6,93 % de jornalistas-torcedores, neste universo. Pela Rádio Gaúcha, Adroaldo Guerra Filho e Duda Streb (Internacional) e Duda Garbi (Grêmio). Guerra Filho atua como comentarista no Programa Sala de Redação e nas jornadas esportiva da emissora. Garbi, por sua vez, também participa dos debates da Gaúcha, mas realiza reportagens com os torcedores gremistas, durante transmissões nas quais está escalado. Já Streb integra o quadro de debatedores do citado programa.

Pela Rádio Guaíba, apenas o repórter Rafael Serra, como já contextualizado, é torcedor gremista admitido. Eventualmente, o jornalista Juremir Machado da Silva, torcedor do Internacional, participa do programa de debates Ganhando o Jogo. Contudo, como não integra a equipe esportiva, não foi contabilizado.

Pelas rádios Grenal e Bandeirantes, semelhante aos dois primeiros casos, são nos programas de discussão esportiva que aparecem, com mais frequência, as figuras dos profissionais torcedores. Na Grenal, apenas Ben-Hur Marchiori (gremista) e Kenny Braga (colorado), representam os clubes abertamente, enquanto, na Bandeirantes, César Cidade Dias que, inclusive, já atuou como dirigente de futebol do Grêmio, em 2011, atua como comentarista.

Torcer ou não torcer: eis a questão

O panorama do radiojornalismo esportivo de Porto Alegre responde o questionamento que intitula a contextualização sobre os *cases* de Fabiano Baldasso e Rafael Serra: Exceções à regra ou símbolos de uma nova etapa do radiojornalismo esportivo de Porto Alegre? Levando em conta que, de 101 profissionais contabilizados entre as quatro principais emissoras, de fato, Rafael Serra, atualmente, é o único

⁷ O número de profissionais foi contabilizado até o encerramento deste artigo, em 16 de julho de 2018.

profissional que exerce a função de repórter setorista de Grêmio e Internacional. Fabiano Baldasso, como descrito, assumiu sua paixão pelo Internacional em um momento de transição na sua carreira, que passou do rádio para as redes sociais. A partir dos números e de opiniões expressadas neste artigo, o que, realmente, determina a massiva isenção observada? Senso comum, relação profissional/empresa ou ética jornalística, propriamente dita?

Conforme Bucci, a presença da emoção, quanto ao senso comum, no relato dos jornalistas, pode apresentar um caráter negativo. Além disso, através do senso comum, entende-se que o jornalismo neutro seria aquele que não favoreceria diferentes ângulos de uma determinada história. Bucci (2008, p. 96) identifica essa situação como um mito que se converte em uma “perniciosa impostura”. O autor vai além e afirma que “a própria liturgia do ofício jornalístico parece ainda estar envolta no mito da neutralidade” (BUCCI, 2008, p. 96).

O repórter ideal seria o que não torcesse para nenhum time de futebol, não tivesse suas pequenas predileções eróticas, nem seus fetiches, nem seus pecados, que não professasse nenhuma fé, que não tivesse inclinações políticas e nenhum tipo de identificação étnica ou cultural. No mínimo, o repórter ideal é aquele que parece “neutro”. BUCCI, 2008, p. 96).

A neutralidade, entende Bucci, como regra, acaba desinformando. O autor diz ainda que “posar de neutro” é um pecado ético do jornalista que, ao posicionar-se dessa forma, empobrece a função com uma falsa postura que não convém com suas determinações mais íntimas. O papel do repórter afirma, não é de disputar com a notícia a atenção dos leitores, ouvintes ou telespectadores, mas deixar claro sentidos e habilidades. Deve o profissional apresentar uma narrativa sob um olhar pessoal. É esse repertório que enriqueceria e não empobreceria a narrativa. Esconder tudo isso é empobrecer o jornalismo como ofício e enfraquecê-lo como instituição social. Existem três variantes de ocultação, de acordo com Bucci. A primeira é a ocultação involuntária “que consiste em fazer de conta que não se têm convicções ou preconceitos, ou que esses não interferem na objetividade possível” (BUCCI, 2008, p. 97). A segunda é a ocultação deliberada, que “consiste em mascarar convicções e preconceitos sob a aparência de informação objetiva, contrabandeando, assim, para o público, concepções pessoais como se fossem informações objetivas” (BUCCI, 2008, p. 98). A terceira variante é de determinação pela servidão voluntária, que acontece mais entre aqueles que “vestem a

camisa” não da empresa, mas do chefe”. De preferência, já suada” (BUCCI, 2008, p. 98). Nessa terceira variante, os profissionais anulariam sua visão crítica por receio, ambição, pelo cargo, abrindo mão de suas próprias convicções.

A três variantes, destaca Bucci, misturadas entre si, provocam desinformação, pois escondem os verdadeiros conflitos da consciência. Para combater essas variantes, Bucci indica que, eticamente, a forma mais eficaz se dá pela transparência. Para tanto, existem três diferentes níveis que também se complementam. O primeiro é da positividade do jornalista, isto é, “a transparência depende do conhecimento que cada um é capaz de ter de si, de seus valores, de suas convicções e até mesmo de seus medos” (BUCCI, 2008, p. 98). O segundo nível é da clareza e positividade em relação aos colegas e com a chefia. A formação ética dos profissionais (e novatos) deve acontecer mediante diálogo e cambio de pontos de vista. Novos valores e a superação de pensamentos ultrapassados, devem ser consolidados na prática. Por fim, o terceiro nível é da transparência entre veículos e públicos. Os conflitos de interesses devem ser sempre debatidos e, para isso, é necessária disposição para tanto. A ideia central é possibilitar que o público forme uma visão crítica. “Quem quer jornalismo melhor precisa ajudar a formar cidadãos melhores” (BUCCI, 2008, p. 99).

Fabiano Baldasso entende que as redes sociais aproximaram ainda mais os jornalistas do público. Em relação aos demais meios de comunicação, em especial no caso do rádio, uma “nova ética” poderia surgir? Para Restrepo e Botello (2018) não se trata de uma nova ética, mas das aplicações que podem ser realizadas, através da tecnologia. Esse pensamento entra em concordância com Baldasso, quando este se refere aos “vestígios da internet”. Sempre haverá o torcedor que pesquisará profundamente a trajetória de um determinado jornalista e, nessa observação, poderá encontrar depoimentos, comentários e, em alguns casos, até fotos que “incriminem” o jornalista.

Considerações finais

Como verificado neste trabalho, quase 100% do quadro de profissionais que integram as quatro principais rádios de Porto Alegre atuam sob uma perspectiva profissional “neutra”. Contudo, percebe-se que não existe um fundamento ético realmente convincente e, no final das contas, a neutralidade se aproxima muito mais da ideia de moral, isto é, conforme o desenvolvimento dos hábitos culturais ao longo dos mais de 100

anos de existência de Grêmio e Internacional, que consolidaram uma relação de rivalidade, em alguns momentos, levada ao extremo de violência verbal e física. Talvez seja esse o maior temor dos jornalistas que cobrem os clubes e nem tanto a questão ética da profissão, de fato. Contudo, essa provável agressão não seria, em si, mítica?

Existe também outra situação que põe em cheque a neutralidade: a liberdade de expressão. Como abordado ao longo deste estudo, a liberdade é um dos preceitos básicos do jornalismo. Ainda assim, a presença da opinião do profissional na narrativa jornalística é um fato completamente questionável na atualidade. Para Restrepo e Botello (2018), por exemplo, opinião e notícia possuem uma fronteira que, particularmente, as dividem. Para os autores, a opinião distorce a notícia, na medida em que os fatos estejam ligados ao relator do acontecimento. O repórter Rafael Serra, como contextualizado, discorda e garante que o ato de torcer não interfere na informação. Como ressalta Bucci, antes mesmo de profissionais, os jornalistas são pessoas com sentimentos, com opiniões, com suas próprias preferências.

Por fim, uma hipótese para a manutenção em larga escala da neutralidade, levando em consideração o rádio de Porto Alegre, seja na dificuldade de se lidar com a paixão. Como disse Serra, o fanatismo “pode cegar”. No caso da política, que pode ser pensado na relação do jornalismo com o futebol, Bucci alerta para os perigos do partidarismo. Segundo o autor, no momento que a opinião ultrapassa os limites do bom senso, a neutralidade se torna inviável. Nessa situação, a fiscalização do poder, este sim um fator de destaque como função do jornalismo, se distanciaria e distorceria a razão de existência da imprensa: a vigilância. Se caso da política, é recomendado um mínimo de distanciamento, o mesmo deve ocorrer no caso do esporte? De fato, não se saberia dizer, neste momento, levando em conta o caso porto-alegrense.

Diferentemente de outros centros brasileiros, como o paulista, onde muitos profissionais são identificados com agremiações, em Porto Alegre, apenas o tempo provaria que, na prática, sim, os jornalistas poderiam revelar suas preferências. Ainda que democraticamente livres, como observado, os profissionais do rádio esportivo de Porto Alegre, atualmente, preferem “não abusar da própria liberdade”. Sendo assim, os casos de Rafael Serra e Fabiano Baldasso, pelo menos neste instante, não representam o início de uma nova era, mas, tão somente, situações que, futuramente, poderão modificar aspectos da cultura jornalística praticada na capital gaúcha. Mas essa não é a tendência, por enquanto. Destaca Lippmann (2010, p. 144) quanto à opinião pública: “a evidência

disponível à nossa razão está sujeita a ilusões de defesa, prestígio, moralidade, espaço, tempo e amostragem”.

Referências Bibliográficas

BALDASSO, Fabiano. Entrevista concedida a Ciro Götz (Whatsapp). Rivera, 2018.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.

BENFICA, Luís Henrique. Depoimento concedido a Ciro Götz (Facebook). Rivera, 2018.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia da Letras, 2000.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. São Paulo: Summus, 2009.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e Jornalismo: uma cartografia dos valores**. São Paulo: Escrituras, 2002.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEDEIROS, Renata de. Depoimento concedido a Ciro Götz (Facebook). Rivera, 2018.

MOREL, Rodrigo. Depoimento concedido a Ciro Götz (Facebook). Rivera, 2018.

OLIVEIRA, Cristiano. Depoimento concedido a Ciro Götz (Facebook). Rivera, 2018.

POSSAS, Alfredo. Depoimento concedido a Ciro Götz (Facebook). Rivera, 2018.

RECHE, Luiz Carlos. Depoimento concedido a Ciro Götz (Facebook). Rivera, 2018.

RESTREPO, Javier Dario; BOTELLO, Luis Manuel. **Ética periodística en la era digital**. Suécia: UNESCO, 2018. Disponível em: < http://eticaperiodistica.info/wp-content/uploads/2018/05/Manual_EticaPeriodistica.pdf>.

SCHINNER, Carlos Fernando. **Manual do locutor esportivo**. São Paulo: Panda, 2004.

SERRA, Rafael. Entrevista concedida a Ciro Götz (Whatsapp). Santana do Livramento, 2018.